

Arte/Educação, fanzines e histórias de vida: uma experiência de ensino de Arte na educação de jovens e adultos da região metropolitana do Recife

Míriam Alves Bastos da Silva
Bruno Fernandes Alves

Resumo: Ao realizar essa experiência nosso objetivo foi enfatizar a importância do ensino de Arte na formação do jovem e do adulto da EJA do módulo I. Os resultados desse estudo apontam que o Fanzine mostrou-se uma interessante ferramenta para valorizar as histórias de vida dos educandos, destaca como o entusiasmo e interesse desses discentes pelas aulas de arte foram estimulados, indica que houve mudança na visão que os estudantes tinham sobre Arte e sobre as aulas de arte, elenca que o ensino de Arte dentro do Currículo na EJA revela-se tão significativo como qualquer outra matéria.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Histórias de vida. Fanzine. EJA.

**Art/Education, fanzines and life histories: un art teaching
experience in the education of youth and adults of the
metropolitan region of the Recife**

Míriam Alves Bastos da Silva é Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. miriamabs@hotmail.com.

Bruno Fernandes Alves é Mestre e Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco. brunoalves65@gmail.com.

Abstract: In doing so, our objective was to emphasize the importance of teaching Art in the training of the young and the adult of the EJA of the module I. The results of this study point out that the Fanzine has proved an interesting tool to value the life histories of the students, highlights how the enthusiasm and interest of these students in art classes were stimulated, indicates that there was a change in students' view of Art and about art classes, that the teaching of Art within the Curriculum in the EJA proves to be so significant like any other matter.

Keywords: Teaching art. Life histories. Fanzine. EJA.

Introdução

Refletir sobre como jovens e adultos pensam e aprendem, compete “garimpar” sobre fatores que contribuem para sua condição social. Como consta em documentos legais como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996, e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1998, o analfabetismo está presente especialmente nas classes mais baixas da população. Estamos falando do adulto com baixo nível de instrução escolar, condição esta que difere ainda mais nos processos de construção de conhecimento e aprendizagem do processo de cognição da criança, do adolescente e do adulto que já possui uma formação acadêmica e que deseja aperfeiçoar seus conhecimentos.

Neste contexto, o fato é que a matrícula desse segmento da sociedade tem crescido e por isso precisamos dedicar uma atenção maior a esse grupo já há muito desprivilegiado. O acolhimento desses cidadãos que buscam uma escolarização tardia esbarra na importância

de se pesquisar maneiras de enriquecer a experiência do aprendiz-do nesta modalidade de ensino.

Diante de tal problemática, acreditamos que o Ensino de Arte pode ser uma ação transformadora como parte da educação. A educação estética vai além do conhecimento da linguagem verbal, busca a dimensão dos sentidos e sentimentos na linguagem da arte, da percepção no desenvolvimento cultural do indivíduo (CARBONELL, 2012, p.46). Considerando que a educação não se baseia unicamente no ato de aprender a ler e escrever, como aponta Freire (1981, p.13), alfabetizar é um ato político, envolve conscientização e criticidade quando diz: “Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras”.

Esse trabalho é o relato de uma pesquisa que teve como objetivo principal realizar uma experiência de Ensino de Arte através de uma pesquisa-ação na perspectiva estética através da construção de Fanzines biográficos. Nos objetivos específicos, identificar as concepções de Arte dos educandos e sensibilizar os mesmos para uma vivência estética a partir de suas histórias de vida. Talvez a escola seja a principal alternativa para ampliar o relacionamento do estudante com a Arte e com a cultura, levando-o a ter um novo olhar tanto para as aulas do componente Arte como da Arte para a vida. Nesse percurso, ao investir contra a forma simplista de condução dessa disciplina no processo educativo, instigando a valorização da mesma nessa modalidade de ensino.

Sendo assim, ao articular com os estudantes a construção de Fan-zines a partir de suas biografias, buscou-se a valorização de suas raízes, das suas histórias de vida, principalmente a partir da constatação de que, em sua maioria, os estudantes vêm de cidades do interior pernambucano como Paudalho, Surubim, Palmares e Passira, entre outras – o que nos levou a ressaltar a ideia de identidade e pertencimento para melhorar sua autoestima.

Foram entrevistados os sujeitos da classe a partir de um roteiro informal com o objetivo de identificar e analisar as Representações Sociais dentro da heterogeneidade da turma, resgatando relatos e experiências de vida. Para a análise dos dados obtidos, classificamos o material em temas construídos a partir do objetivo da pesquisa, da grade curricular, dos conteúdos das entrevistas, conceitos e definições de Arte e Cultura.

Breve percurso histórico do Ensino da Arte

Durante a maior parte do percurso do Ensino de Arte, imperaram as habilidades técnicas e manuais para a formação do desenhista, com o objetivo de inserção no mercado de trabalho. Porém, em 1889 com a Proclamação da República, as ideias liberais num cenário de contestação e transformação social, política e econômica influenciaram a educação.

Em 1920, o Ensino de Arte foi incluído no currículo escolar como atividade de apoio a outras disciplinas, na efervescência do Movimento da Escola Nova. Nesse período surgem importantes movimentos culturais influenciados pela tendência psicológica e pauta-

dos na ligação entre arte e educação durante o século XX, de acordo com PCN (1997, p.23) “entre os anos 20 e 70, as escolas brasileiras viveram outras experiências no âmbito do ensino e aprendizagem de arte, fortemente sustentadas pela estética modernista e com base na tendência escolanovista”.

Neste contexto, em 1922 aconteceu a Semana da Arte Moderna, que foi um marco no ensino de Arte. Neste Movimento estiveram envolvidos artistas de várias modalidades, entre elas artes plásticas, música, poesia, dança, arquitetura etc. Assim, o Modernismo trouxe consigo a ideia de livre expressão em contraponto ao rigor técnico do ensino tradicional, abrindo espaço para a propagação de Escolinhas de Arte em todo Brasil (1948) que tinham como foco “educar através da arte”.

A LDB 5692/71 traz a obrigatoriedade do ensino de arte por professores de outras áreas, sem qualquer formação ou especialização para educação artística. São avanços e retrocessos que marcam essa trajetória, são séculos no ensino de arte como técnica para o trabalho, décadas como ferramenta para outras disciplinas, décadas como expressão da criatividade, mas sem foco em conteúdo de fundo artístico ou cognitivo.

O rumo do ensino de Arte nas décadas seguintes sofre mudança metodológica e epistemológica, a nomenclatura do ensino de arte passa de Educação artística para Arte-Educação, em seguida para o Ensino de Arte.

A aprendizagem da Arte é obrigatória pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394, 1996), e ela está presente no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Porém, essa obrigatoriedade não é suficiente para

garantir a presença da Arte na sala de aula. Somente as posturas do professor e da Instituição podem torná-la essencial no crescimento individual dos educandos. Para Saviani (1983, p.12-13), a educação na contemporaneidade sofreu influência de outras áreas, como a Psicologia, contribuindo assim para que a formação do educando fosse concebida em novas bases, destacando a importância do pensamento e dos sentidos do ser humano (JAPIASSU, 2001, p.28).

No entanto, de modo geral, o ensino de Arte se divide com as tendências da escola tradicional, que mantem a ideia de cópia e habilidades manuais como ponto de partida.

Hoje, a Arte é área de conhecimento obrigatório na educação básica em todo o país amparada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96, §22), pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/97), e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte para o Ensino Fundamental (PCNs/1998–Artes) fortalecendo-se com isso um novo processo histórico do ensino e aprendizagem da Arte.

Trajatória da escolarização de jovens e adultos no Brasil

A Educação de Jovens e Adultos é uma etapa consideravelmente nova no cenário educacional do Brasil, embora já existissem iniciativas no período colonial. Para Haddad e Di Pierro (2000, p.109), “no Império, 82% da população com idade superior a cinco anos era analfabeta”. Na primeira Constituição Federal Brasileira em 1924 a instrução primária e gratuita é para todos os cidadãos, com forte influência europeia, porém apenas acessível à elite econômica. A

Constituição de 1934 delegava a responsabilidade da educação básica às Províncias para atender a população mais carente.

A valorização dessa etapa de ensino abrange diferentes focos: com o objetivo de dominar as técnicas de produção, adquirir a leitura e escrita para ascender socialmente, a alfabetização de adultos para ampliação de pessoas aptas para votar diante da exclusão dos analfabetos na participação pelo voto pela Constituição de 1891. Assim, esta modalidade de ensino tem sido marcada por movimentos e campanhas entre elas: atividades de Missões Rurais (1952), Campanha de Pé no Chão Também (1961), MOBREAL (1970) etc., na tentativa de superar o analfabetismo no país.

Entretanto, foi com a Constituição de 1988, no artigo 208, que jovens e adultos tiveram o direito garantido à educação básica e gratuita independente da idade. Todavia, em 1996, uma emenda na Constituição Federal fez com que o ensino fundamental não fosse mais obrigatório para jovens e adultos. Planos, Leis, Reformas, Pareceres, Programas, estiveram presentes nos anos 90 (HADDAD E DI PIERRO, 2000, p. 121-125) até os dias atuais.

No século XX o percentual de analfabetos, segundo Haddad e Di Pierro (2000, p.126) declinou para 15% da população de jovens e adultos. Diante da nova identidade do estudante da EJA novos Fundamentos e Funções foram instituídos neste universo, assim como Conceitos e Funções (PARECER CEB 11-2000, p.30-39), ressaltando com isso a educação como uma “chave indispensável para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea” (p.42). Em 2015, o percentual do analfabetismo baixa para 8,0% (IBGE, 2015). Contudo, esta realidade está longe de ser a ideal.

A importância da Arte na Educação

A Arte, enquanto forma de linguagem, comunicação, interpretação e representação de mundo, é parte importante no desenvolvimento humano. Logo, uma forma privilegiada, um instrumento facilitador para o desenvolvimento da consciência, que pode provocar encantamento ou “maravilhamento” no aprendizado (CARBONELL, 2012).

Diante da diversidade que a Arte se apresenta fica, às vezes, difícil de defini-la. Ao analisar as ideias de Adorno, Aguiar (2008, p.36) reafirma que a concepção de arte não deve ser desvinculada de seu compromisso social. Japiassu (2001) destaca a relação da Arte com a educação e, então, busca o apoio dos agentes envolvidos na educação ao constatar que “O ensino das artes, na educação escolar brasileira, segue concebido por muitos professores, funcionários de escolas, pais de alunos e estudantes como supérfluo caracterizado quase sempre como lazer, recreação ou ‘ou luxo’ (p.23)”.

Para Barbosa (2008, p.99) “A arte como linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por meio de nenhum outro tipo de linguagem, tal como a discursiva ou científica”, assim, a arte está ligada à sensibilidade do indivíduo. A autora define a Abordagem Triangular como um mapa, uma bússola que indica o caminho, um ponto de partida para possibilidades de ensino e aprendizagem da Arte e não como uma receita pronta, para ser seguida passo a passo (BARBOSA, 2010, p.68,73).

Assim, cabe ao professor a mediação e aproximação do estudante com a arte e cultura em sala de aula. Santos (2007, p. 60) argumenta

que a “atitude lúdica” do educador e dos educandos não se restringe a jogos e brinquedos, mas a postura. A autora também lembra os argumentos de Santin (1994) ao afirmar que as vivências lúdicas podem resgatar a sensibilidade adormecida, ou seja, “o desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil”.

Para Barbosa (2002, p.4), porém, a aula de arte é mais que atividades lúdicas de relaxamento e lazer, essa autora defende uma abordagem da disciplina de arte com conteúdo. Considera que o bom ensino de arte precisa associar o ver, o fazer e o contextualizar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (2000, p.31) ressaltam que: “(...) o caminhar pedagógico-artístico tem por premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica”. No PCN-Arte\EJA (1998, p.138) encontramos instruções para valorizar os conhecimentos prévios dos discentes, seus interesses, como ricos materiais para as aulas de arte.

A disciplina de Arte na escola, diante das principais linguagens artísticas selecionadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998): música, dança, teatro e artes visuais se traduzem em formas capazes de expressar e comunicar ideias e sensações, sentimentos e pensamentos que deveriam justificar sua inserção no currículo da EJA e no contexto da educação.

É fato que a educação na contemporaneidade prima pela valorização do conhecimento intelectual, do conteúdo científico. Numa sociedade competitiva e consumista, tempo é dinheiro. No ritmo agitado que levamos, onde o imediatismo, o prático e utilitarista é o que vi-

gora, em meio a essa visão produtivista. Duarte Junior (2010, p.25) denuncia: “encontramo-nos no verdadeiro limite entre a civilização e a barbárie”, e ainda, “Parece que estamos nos tornando mais e mais insensíveis”. Nos sobra pouco tempo para atividades estéticas prazerosas. Para Carbonell (2012, p.22), “sensível não está radicalmente separado do inteligível, ele possui uma função de conhecimento”.

Então, o que essa experiência buscou não foi necessariamente exercitar um treino no olhar, mas, despertar o sensível que existe dentro de cada um de nós. Há uma preocupação genuína no trabalho de Duarte Junior (2010, p.29) com a educação da sensibilidade ao lançar o olhar sobre o ensino da arte. Segundo esse autor, os docentes se prendem muito nas “explicações” acerca da arte.

Carbonell (2012, p.62) defende que a sintonia entre a escola e os estudantes dessa modalidade da educação traga a cultura como base no processo de ensino e aprendizagem, quando diz: “os altos índices de evasão e repetência nos programas de Educação de Jovens e Adultos indicam falta de sintonia entre essa escola e os alunos que dela se servem”.

Em seu trabalho Oliveira (1999), aponta fatores que podem determinar a competência cognitiva de pessoas mais velhas, não só da idade cronológica. Ao citar Palacios (1995:315) destaca alguns fatores importantes que podem interferir nesse processo de aprendizagem: “(...) o nível de saúde, o nível educativo e cultural, a experiência profissional e o tônus vital da pessoa (sua motivação, bem estar psicológico)”.

Outro incômodo para esses estudantes que Gomes (2007, p.03) coloca em discussão, é a situação de desconforto pessoal em que se encontra o adulto nesse contexto, situação essa que pode influenciar

no seu processo de aprendizagem, pois esse aprendiz tem vergonha, sente-se humilhado, inseguro pelo fato de não ser alfabetizado e precisar frequentar a escola depois de adulto, elenca Marta Kohl em seus estudos (Oliveira, 1989).

Carbonell (2012) discorre sobre a “soltura” do fazer que “mora” na criança. Elas são destemidas, com elas podem ser desenvolvidas infinitas técnicas para explorar a disciplina de Arte. Enquanto que no adulto há um bloqueio para tecer uma experiência artística em sua complexidade. A autora afirma que o indivíduo adulto tem mais dificuldade com a técnica e mais facilidade com a compreensão. Visto que carregam consigo o estigma de não avançarem para outros níveis de escolarização precisamos atentar para o chamado de Fonseca (2002, p.62) ao declarar que “A carência de produção sobre os aspectos cognitivos, e também afetivos do aprendiz adulto pouco escolarizado, representa uma laguna muito significativa”.

A democratização, ao abrir as portas da universalização da educação, abre espaço para ficamos o olhar num grupo e numa disciplina há muito considerados excluídos.

Fanzine como recurso pedagógico

Fanzine é um gênero literário de fabricação artesanal. Consta que sua invenção aconteceu por volta de 1930, nos Estados Unidos, através dos amantes de ficção científica que gostariam de compartilhar informações e ideias sobre o tema. Assim, este nome vem da contração das palavras inglesas *fanatic* e *magazine*: Fanzine (NETO, 2010, p. 10).

Foi pertinente a construção do Fanzine sobre o tripé: ver, fazer, contextualizar (BARBOSA, 1991), pois abriu um leque de possibilidades. Donisete Pinto (2013) argumenta que o Fanzine “estabelece um vínculo maior com o que está sendo estudado” (p.49), conforme seus registros, essa ferramenta pode transitar em diversos níveis de ensino, em qualquer componente curricular. No prefácio deste livro acima citado Elydio dos Santos Neto alerta para “muitas práticas escolares, apesar de um discurso democrático, dialogal e participativo, são, na verdade, ainda práticas bancárias, autoritárias, domesticadoras” (p.11). Compartilhamos com as ideias desse autor de que o Fanzine traz consigo a sugestão de “re-invenção”, capaz de provocar espanto, reflexão, indignação, rebeldia e transformações, por menores que sejam (p.10).

Relatos da experiência

Esse trabalho é relevante ao perceber que há uma ausência de aulas de Arte nas escolas públicas consultadas na pesquisa exploratória, em especial nessa modalidade de ensino. Contudo, não se quer com este trabalho centralizar-se nos problemas sobre o ensino de arte, mas deseja-se provocar uma experiência positiva no ensino de Arte para essa sala da EJA.

Foram programadas cinco intervenções pedagógicas que ocorreram nas terças e quartas-feiras das 19:00 até as 21:00, nas primeiras semanas de novembro de 2017. No processo mental para a aula utilizamos a música, dinâmicas e o PowerPoint para a aproximação do educando com a arte.

Perfil dos Discentes

Como vimos nas entrevistas, esses discentes são jovens e adultos que retornaram à escola para serem alfabetizados, possuem uma série de conhecimentos pela sua trajetória de vida que já não são suficientes para que se insiram com independência e autonomia numa sociedade complexa, na qual a tecnologia e globalização estão latentes. Sendo assim, a alfabetização surge como condição indispensável na sociedade contemporânea para o exercício da cidadania.

Ao conhecer os sujeitos dessa pesquisa através das entrevistas realizadas previamente, das observações em sala de aula - parte dos educandos sequer conheceu a escola quando criança -, percebemos que estes possuem pontos em comum em suas histórias de vida.

Assim, a grande maioria teve que trabalhar ainda criancinha, o percurso para a escola era de difícil acesso, situados em Usinas, Sítio e Engenhos, pertencentes a uma família numerosa necessitando ajudar no sustento. Neste universo consensual, os pais desses educandos não achavam necessidade a ida para a escola. O motivo de não ir à escola:

J, 76 anos: Trabalho desde que me entendo por gente. Ah minha filha, isso era o que todo mundo fazia. Eu ficava brigando com minha mãe, chorava, mas ela só fazia me xingar e não permitia ir para a escola.

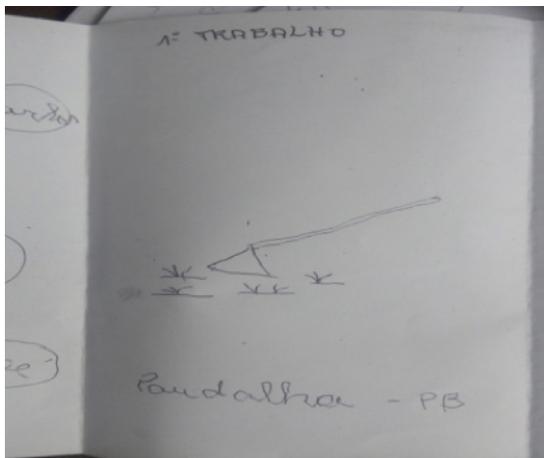


Figura 1 – J, 76 anos:
trabalhava na plantação de
macaxeira, num sítio em
Paudalho, PE

Quanto as suas famílias, a primeira parte do Fanzine mostra sua árvore genealógica:

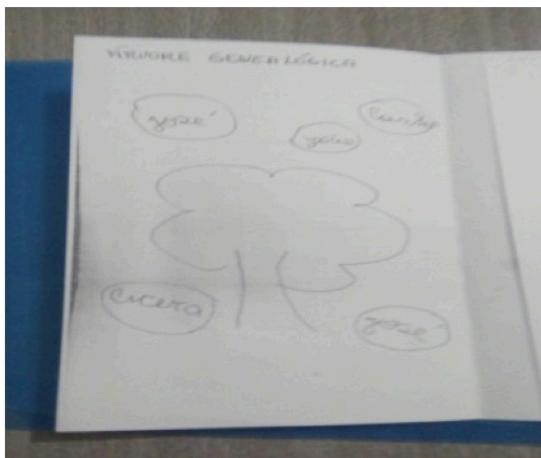


Figura 2 – C, 50 anos: Árvore
contém cinco pessoas, esposo e
três filhos. Família menor que a
de origem.

Parte do Fanzine sobre a volta à escola:



Figura 3 – MJ, 40 anos: O motivo para voltar à escola foi por que quer se enturmar, aprender a usar a tecnologia, como usar o caixa eletrônico e o telefone celular.

Os depoimentos abaixo retratam as expectativas desses discentes:

MA, 51 anos: quer fazer coisas sem precisar de ajuda e aprender cada vez mais, ler a bíblia, fazer carta.

E, 62 anos: quer ler as placas dos ônibus.

J, 38 anos: natural do Rio Grande do Norte, veio para o Recife internado numa casa de recuperação para drogados. Quer mostrar para as pessoas que o ajudaram que quer continuar mudando.

Parte do Fanzine sobre qual a sua ocupação de hoje, indica que as ocupações desenvolvidas pelos estudantes hoje, em geral, são as mesmas do passado:

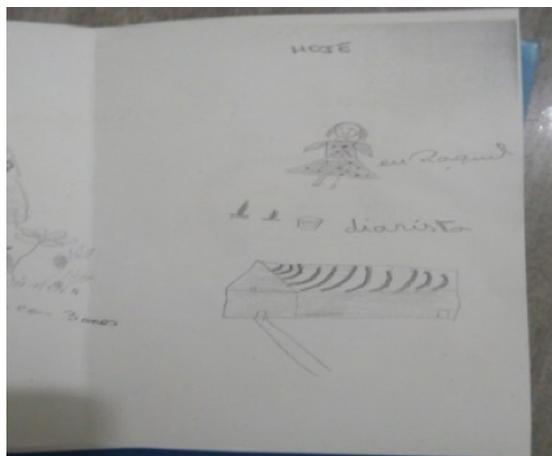


Figura 4 – R, 46 anos:
De empregada doméstica
para diarista, por causa da
carteira assinada.

Indagados sobre o Recife na quinta parte do Fanzine alguns apontaram:

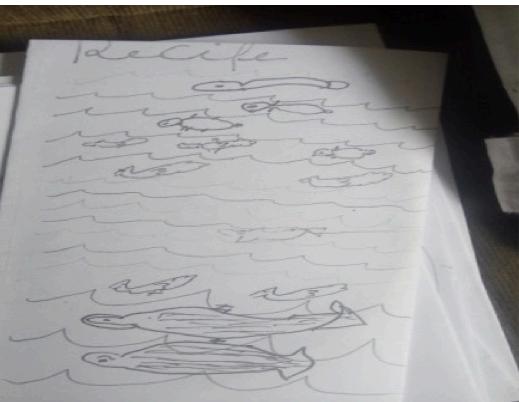


Figura 5 – MI, 52 anos: Mais lindo
de tudo, é a praia que sonhava
conhecer quando criança.



Figura 6 - Capa dos Fanzines:
autorretratos, de M, 15 anos e E, 62 anos.

○ que os jovens e adultos pensam sobre arte?

A aula de Arte parece se resumir em atividades de maneira muito simplista, distante do conteúdo de arte, só como complemento de aula. Neste cenário, a metodologia adotada foi uma pesquisa-ação iniciada numa roda de conversa sobre Arte com a intenção de que se apropriassem dos bens culturais e do conhecimento e significado de arte na tentativa de envolvê-los no debate, de ouvir suas opiniões.

Indagado sobre frequentar, apreciar ou participar de algum tipo de equipamento cultural, a maioria respondeu que nunca foi a teatro, cinema, museu etc., nem visitam pontos turísticos ou participam de grupos de manifestação cultural ou artística.

○ Fanzine

A confecção do Fanzine foi feita gradativamente, retratando-se em cada aula fases relevantes de suas histórias de vida.

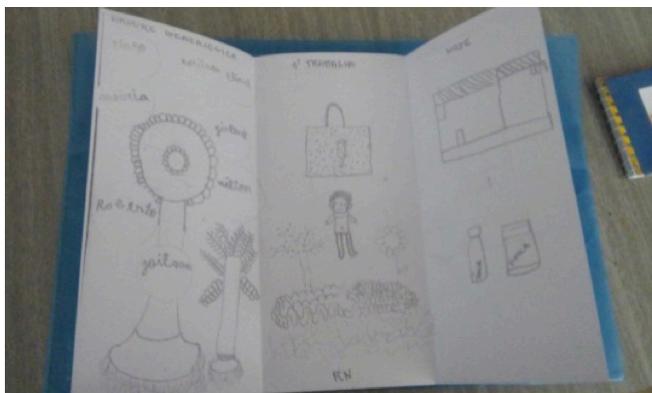


Figura 7 –
O Fanzine (Lado 1)

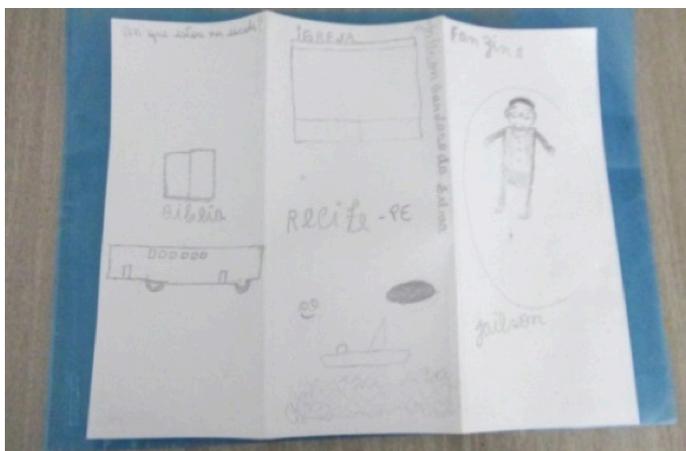


Figura 8 –
O Fanzine (Lado 2)

Utilizamos uma folha de papel ofício na horizontal e a dobramos para ficarem três partes iguais (existem outras opções para dobrar a folha do Fanzine). E usamos os dois lados da folha.

Um novo olhar dos discentes sobre o ensino-aprendizagem de Arte foi verificado de acordo com os relatos; os educandos ficaram tão animados que convidaram a turma, pelo áudio do Whatsapp, para estar presente nos próximos encontros das lições. Na avaliação da pesquisa-ação os discentes foram sondados sobre as aulas de arte aplicadas na sala de aula e os conhecimentos adquiridos. Alguns comentários foram:

I, 52 anos: já terminou? Quando a senhora vem de novo, por que eu quero mais. Eu me diverti muito, até aprendi a fazer um Fanzine.

J, 76 anos: venha de novo professora, a gente gostou muito. A aula de Arte desse jeito é uma coisa boa, deixa a gente feliz.

No momento da socialização das histórias autobiográficas foram feitas inferências de acordo com a ordem dos eventos dos Fanzines ajudando-os a vencerem a timidez. Outro indício do sucesso de nosso estudo aponta o convite das outras docentes da EJA de que voltemos com mais projetos similares para as salas delas.

Considerações

Diante de temas que são marginalizados - Arte, EJA e Fanzine -, porém não menos importantes na educação e no processo ensino-aprendizagem, este trabalho apresenta-se como uma possibilidade interessante para a superação desses pré-conceitos, considerando que a escola é um espaço fundamental para o processo de transformação social (AGUIAR, 2008). Nesse processo, concordamos que o Fanzine “incorporado como recurso pedagógico em sala de aula apresentou uma série de benefícios”, como argumenta Donisete Pinto (2013, p. 49).

Então, esta experiência com a utilização do Fanzine em sala de aula favoreceu a melhoria da autoestima do discente, contribuiu com sua aproximação com a Arte. Além de abraçar a interdisciplinaridade, a proposta de elaboração do Fanzine dialoga com a Abordagem Triangular e o ensino da Arte. A intencionalidade educativa da nossa experiência demonstrou que o ensino de arte pode provocar elos no processo de aprendizagem (OLIVEIRA, 2010).

Em cada etapa do projeto a avaliação se fez presente. O conteúdo das cinco etapas do nosso Projeto foi cumulativo, isto é, não pertencem exclusivamente a uma das etapas. Portanto, depois de

trabalhados, eles sempre são retomados em cada oportunidade que venha a surgir, de tal forma que se integrem num conjunto único. Ressaltamos que todo o trabalho desenvolvido nesta proposta abarca o estímulo da percepção visual, da reflexão sobre o fazer artístico, mas também sobre valorização da identidade e dos conhecimentos prévios. Embora seja comum o discurso de que a Educação básica tem o papel de formar sujeitos críticos em diferentes momentos históricos, precisamos exercitar a fala do estudante desse segmento que, em geral, é muito tímido.

Assim, entendemos que as aulas de arte podem ser espaços oportunos para que jovens e adultos trabalhem “a desinibição, a baixa autoestima, a consciência corporal e o cultivo da socialidade” (BRASIL, 2000, p. 61).

Um interessante fato verificado relativo aos sujeitos da pesquisa ao consultar a professora sobre o índice de evasão escolar, repetência e desistência na turma, foi que alguns discentes permanecem na mesma sala por motivo de afinidade com a professora. A insegurança os leva a não cogitarem avançarem para outro módulo.

Ao indagarmos sobre a matrícula na escola:

MI, 52 anos, comentou: não era a primeira vez que se matriculara numa escola depois de grande, mais tinha desistido.

A atual situação na qual esbarramos nesta escola nos traz questionamentos maiores: o trabalho infantil, a evasão escolar, o analfabetismo, a ausência do acesso aos bens públicos para um grupo que

continua à margem da sociedade - onde a situação de desconforto continua se não acontecer uma sintonia entre o cotidiano e a escola. Este estudo indica uma dependência afetiva que o estudante estabelece com a professora, aspecto citado por Gomes (2007, p.3).

Logo, podemos vislumbrar a grande importância que o ensino da Arte pode ter na educação desse grupo. De provocar, instigar, expressar, comunicar, visando ações dentro da dimensão social (AGUIAR, 2008). Precisamos conquistar um espaço para a Arte dentro da escola, espaço que ficou perdido no tempo e que, se recuperado, poderá mostrar-se tão significativo como qualquer outra matéria do currículo.

Referências

AGUIAR, Wisley Francisco. *Adorno e a dimensão social da arte*. Revista Urutágua—revista acadêmica multidisciplinar – N. 15 – abr./mai./jun./jul. 2008 – Quadrimestral – Maringá – Paraná – Brasil – ISSN 1519-6178.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. Editora perspectiva, 1991.

_____. *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. CUNHA, Fernanda Pereira. (Orgs.) *A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental, (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: MEC/SEF.

BRASIL, Conselho Nacional da Educação/Câmara da Educação Básica. *Parecer CNE/CEB nº 11/2000 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.*

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte na Educação de Jovens e Adultos – 1998* (volume 13, p.135-189).

CARBONELL, Sonia, *Educação estética na EJA: a beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos.* São Paulo: Cortez, 2012.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. *A Montanha e o Videogame: escritos sobre a Educação.* Campinas. SP: Papirus, 2010. – (Coleção Ágere).

FONSECA, Maria da Conceição F.R. *Educação Matemática de Jovens e Adultos: especificações, desafios e contribuições.* Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato do ler: em três artigos que se completam.* São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

GOMES, M. J. Cap.: *As especificidades da educação de Jovens e Adultos. Profissionais fazendo matemática.* Recife, 2007, Dissertação (Mestrado em Educação), UFPE.

HADDAD, Sérgio. DI PIERRO, Maria Clara. *Escolarização de Jovens e Adultos.* Revista Pesquisa em Educação. São Paulo, Brasil. P.108-130. Brasileira de Educação, mai-ago, número 014. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, Brasil pp. 108-130.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. *Metodologia do ensino do teatro.* Campinas, SP: Papirus, 2001. (Coleção Ágere).

NETO, Elydio dos Santos. REVISTA IMAGINAÇÃO. Debates em Educação. *Reinvenção do educador, visualidade e fanzinação: Autoformação,*

Rigor e Critatividade na Perspectiva do Inacabamento Freireano - ISSN 2175-6600 Maceió, Vol. 2, n. 3 Jan./Jun. 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl. *Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. Trabalho encomendado pelo GT “Educação de pessoas jovens e adultas” e apresentação na 22ª Reunião Anual de ANPED – 26 a 30 de setembro de 1999, Caxambú.

OLIVEIRA, Marta Kohl. *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 2010.

PINTO, Renato Donisete. *Fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013. (Série Quiosque, 29).

SANTOS, Marli dos Santos (org). *O lúdico na formação de educador*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1986.

<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>. Acesso em 21/10/17 às 20:20.